**Dr. David Turner, Matthew
Lecture – 2B – Mateus 2-4: Da infância de Jesus ao início de seu ministério**

Saudações, aqui é David Turner, e esta é a aula 2B da nossa aula de Mateus. Nesta aula, abordaremos alguns pontos altos de Mateus 2:3 e 4, como vocês podem ver no esboço na página 10 dos seus materiais suplementares. Observem também que na página 11 temos algumas outras ajudas para que vocês possam compreender outras questões em Mateus capítulo 2. Ao começarmos, notamos que Mateus 2 é provavelmente melhor visualizado como uma espécie de drama em dois atos, que compreendem 2:1-12 e 2:13-23. A adoração dos sábios em 2:1-12 contrasta com a traição de Herodes em 2:13-23. Há também a estranha indiferença dos principais sacerdotes e escribas em 2:4-6, que rapidamente demonstram conhecimento do Antigo Testamento, mas não agem em obediência a esse conhecimento.

Em meio a tudo isso, Deus protege o recém-nascido Jesus por meio de aparições e sonhos angelicais aos magos, especialmente a José, que obedece em todos os momentos quando o desafio lhe é apresentado. Esses eventos sugerem dois temas que são enfatizados à medida que a história de Jesus, contada por Mateus, se desenvolve. Primeiro, a promessa dos magos implica que os propósitos redentores de Deus se estendem além da nação de Israel.

Em segundo lugar, a traição de Herodes e a indiferença dos líderes religiosos demonstram que muitos em Israel não crerão em Jesus. A incredulidade de Herodes é particularmente flagrante e também instrutiva. Ele usa seu conhecimento recém-adquirido sobre Jesus, o Messias, para conspirar contra Jesus.

Mas assim que o capítulo termina, Herodes está morto e Jesus ainda está vivo, cumprindo os padrões e as previsões do Antigo Testamento. Outras ocorrências desses temas podem ser encontradas em 8:10, 15:28, 21:31 e 22:8-10. A narrativa dos Reis Magos e da infância de Jesus pode ser apresentada de forma quiástica. Observe na página 11 dos materiais suplementares como a apresentamos.

Isso é útil porque coloca o foco da passagem em Miquéias 5:2, que aparece nos versículos 5 e 6 de Mateus 2, bem no centro deste esboço. Ao refletirmos sobre Mateus 2:1-12, é significativo, em vista dos acontecimentos posteriores, que Mateus se refira a Herodes como um rei e especifique que os magos chegaram a Jerusalém. O reinado de Herodes é meramente um cargo político, e ele fará de tudo para se proteger contra qualquer rival em potencial.

A realeza de Jesus, assim como a de Davi no capítulo 1, versículo 6, é genuína e legítima. Foi-lhe dada por Deus em seu nascimento, capítulo 2, versículo 2. É apropriado que os magos cheguem a Jerusalém, que era, afinal, a capital de Davi, a cidade do grande rei, capítulo 5, versículo 35, citando o Salmo 48:2. É também a cidade do templo de Salomão, mas Jesus é maior que Salomão e seu templo, capítulo 12, versículos 6 e 42. Jesus deve purificar o templo ao entrar na cidade como seu legítimo rei, no capítulo 21, apenas para ser crucificado ali alguns dias depois, no capítulo 27.

É irônico que o nascimento de Jesus provoque apenas medo e ansiedade nos líderes de Israel, enquanto é ocasião de alegria avassaladora nos misteriosos magos gentios. A devoção dos magos contrasta fortemente com a traição de Herodes e a aparente apatia dos principais sacerdotes e mestres da lei. Por que esses magos são os únicos que viajam para Belém? Como os magos entenderam originalmente que fenômenos astrais sinalizavam o cumprimento profético no nascimento do Messias é um mistério.

Números, capítulo 24, versículo 17, era evidentemente entendido messianicamente pelos judeus, mas não está claro como os magos poderiam ter associado uma estrela específica a essa profecia. Judeus dispersos no Oriente podem ter influenciado os magos, mas, em última análise, sua adoração ao Messias nada mais é do que um milagre da graça de Deus. Mateus 11:25 a 27 explica a iniciativa divina envolvida quando alguém chega à fé em Jesus, o Messias, e Mateus 11:28 e 29 complementam o convite de Jesus para que outros imitem o exemplo dos magos.

Este incidente ilustra bem a verdade, que se tornou um clichê. Deus age de maneiras misteriosas, realizando maravilhas. Os líderes judeus, repletos de conhecimento das escrituras, reagem com apatia aqui e com antipatia depois.

Os sábios, cujo conhecimento é bastante limitado, ainda assim prestam adoração genuína ao rei nato dos judeus. Mateus 2, versículos 13 a 23, conclui a narrativa da infância de Mateus, que explica as origens de Jesus, o Messias, e seus primeiros movimentos. Ela contém três seções: a fuga para o Egito, nos versículos 13 a 15; o massacre dos bebês em Belém, versículos 16 a 18; e o retorno a Israel, nos versículos 19 a 23.

É digno de nota que cada uma dessas seções termina com uma citação do Antigo Testamento, introduzida com a fórmula de cumprimento característica de Mateus. Embora Herodes acreditasse que os magos o haviam enganado, a falta de cumplicidade deles em sua trama se deveu à intervenção divina. A fúria de Herodes não era, na realidade, dirigida contra os magos; era contra Deus, que os instruiu a não retornarem a Herodes.

Assim, sua fúria é patética e fútil, como a dos reis sobre os quais Deus alertou no Salmo 2, citado em Atos 4, versículos 24 a 28. Em retrospecto, fica claro que a mensagem da narrativa da infância em Mateus 1 a 2 tem pouco a ver com a infância de Jesus. Em vez disso, traça sua ancestralidade, sua concepção milagrosa, sua adoração e oposição iniciais, e sua residência em Nazaré.

Tudo isso está entrelaçado com o padrão histórico e a predição profética do Antigo Testamento. Jesus é o Messias, filho de Davi, filho de Abraão. Ele é o ápice da história e da profecia do Antigo Testamento.

Como filho de Davi, ele é o verdadeiro rei de Israel, em contraste com o perverso usurpador Herodes. Como filho de Abraão, ele traz as bênçãos de Deus aos sábios gentios. Davies e Allison, em seu magistral comentário, expressam dessa forma:

Jesus culmina a história de Israel no capítulo 1. No capítulo 2, ele a repete. Falaremos mais sobre isso em Mateus 2, no Antigo Testamento, em breve. À medida que a história de Jesus contada por Mateus prossegue, ambos os temas são desenvolvidos.

O contraste entre Jesus e os falsos líderes de Israel irrompe em hostilidade total, levando à sua morte. Mas seu alcance aos gentios culmina com sua ressurreição e a ordem dada aos discípulos de levar o evangelho a todas as nações. A realeza de Jesus se deve à sua filiação davídica, como fica claro na genealogia.

Contudo, Jesus também é filho de Deus, como implícito em 1:18-25. E isso se torna mais explícito à medida que a narrativa avança no capítulo 2. Como o rei nato dos judeus, Jesus pôde resistir ao teste de Satanás, oferecendo-lhe todos os reinos do mundo em 4:8. Ele pôde afirmar sua superioridade sobre o Rei Salomão em 12:42 e prometer um glorioso retorno futuro à Terra em 16:28 e outras passagens. Contudo, ele também pôde entrar humildemente em Jerusalém em 21:5. Ele pôde suportar a zombaria indizível que levou à sua crucificação no capítulo 27. A ressurreição então vindicaria suas alegações e o validaria como o rei nato dos judeus, a quem todo o poder havia sido dado.

28:18 A falta de tempo nos impede de fazer qualquer coisa além de uma rápida análise do uso do Antigo Testamento em Mateus 2. Mas precisamos salientar, apenas para seu próprio estudo, que no capítulo 2, versículos 5 e 6, há uma referência a Miquéias, capítulo 5, versículo 2, que parece ser uma previsão direta do local de nascimento do Messias. Também é significativo que em Mateus 2, versículo 6, a última linha citada de Miquéias, capítulo 5, versículo 2, seja a que afirma que o governante pastoreará o povo de Israel. Ao continuar estudando Mateus, você notará a importância de Jesus como o verdadeiro pastor, que tem compaixão por Israel como ovelhas sem pastor.

E os atuais líderes de Israel não são bons pastores para a nação. No capítulo 2, versículo 15, há a citação de Oseias 11, versículo 1: "Do Egito chamei o meu filho", o que parece ser uma referência tipológica. Há um padrão histórico envolvido no tempo da nação de Israel no Egito, que se completa na visita de Jesus, o Messias, que recapitula em sua pessoa a experiência anterior da nação.

Em seguida, no capítulo 2, versículos 17 e 18, há uma citação de Jeremias 31, versículo 31, onde Raquel é retratada chorando por seus filhos na época do cativeiro de Israel na Babilônia. Raquel, é claro, já estava morta há muito tempo naquela época, então Jeremias 31, por si só, é uma passagem altamente figurativa, e Mateus a retoma aqui porque tipifica também o massacre dos bebês em Belém. Finalmente, em 2:23, há uma passagem muito misteriosa onde Mateus, pela única vez no evangelho, se refere aos profetas, no plural, como tendo sido cumpridos pelo retorno de Jesus a Nazaré.

Existem muitas visões diferentes sobre a compreensão disso, e recomendo simplesmente que você consulte a literatura sobre Mateus disponível para aprofundar as discussões. Quanto a mim, creio que se refere simplesmente a Nazaré como um lugar de escárnio e vergonha, e fala de Jesus de forma semelhante, como talvez no Evangelho de João: poderia algo de bom sair de Nazaré? Nazaré não era o lugar de onde você gostaria de vir. Por outro lado, seria o lugar de onde você gostaria de vir, não onde você gostaria de ser identificado.

Então talvez seja esse o ponto, mas também pode haver algo na palavra hebraica netzer, que significa ramo; veja Isaías, capítulo 11, versículo 1, e investigue isso mais a fundo em seus estudos. Passando para Mateus, capítulo 3, Mateus 3 é a primeira seção em Mateus a ter paralelos sinóticos, em Marcos, capítulo 1, versículos 1-11, e em Lucas, capítulo 3. Este capítulo naturalmente se divide em três seções: o ministério de João no deserto em 3:1-6, o conflito de João com os fariseus e os saduceus em 3:7-12, e o batismo de Jesus por João em 3:13-17. Quase 30 anos, de acordo com Lucas 3:23, se passaram entre Mateus 2:23 e Mateus 3:1. Embora os evangelhos apócrifos contenham muitas histórias fantasiosas sobre a infância de Jesus, o Novo Testamento é em grande parte omisso. O pouco conhecimento bíblico disponível para esse período encontra-se no evangelho de Lucas.

Segundo Lucas, José e Maria retornaram a Nazaré, maravilhados com as revelações sobre Jesus no templo (Lucas 2:25-38). A infância e o início da adolescência de Jesus são descritos em Lucas 2:40 e 2:52, declarações semelhantes que enquadram o incidente no templo durante a Páscoa, quando Jesus tinha 12 anos. Mateus, porém, não diz nada diretamente sobre os anos entre a vinda de Jesus para Nazaré, ainda criança, e sua vinda a João para o batismo, já adulto. Podemos tirar algumas inferências de Mateus 13, versículos 54-58, sobre a criação de Jesus em Nazaré, mas o fato é que os propósitos teológicos de Mateus não são sustentados por detalhes biográficos desse período.

Mateus está interessado em contar a história das origens de Jesus nos capítulos 1 e 2 e em sua preparação para o ministério em 3:1-4.16. A história da preparação de Jesus para o ministério começa com o ministério de João Batista e termina com a prisão de João. O ministério de João se passa no deserto da Judeia, predito em Isaías 40, versículo 3, e resulta na vinda de muitos judeus a ele para o batismo. Mas quando seu ministério atrai fariseus e saduceus, ele os rejeita e os adverte sobre o julgamento em 3:7-12. Ele hesita em batizar Jesus, mas realiza o batismo por insistência de Jesus de que é necessário cumprir toda a justiça em 3 :13-15. Nesse ponto, o Espírito desce sobre Jesus e uma voz do céu expressa a aprovação do Pai ao seu Filho amado, 3:16-17. Em seguida, a filiação divina de Jesus é posta à prova por Satanás, mas Jesus emerge vitorioso em 4:1-11. Mas Jesus então ouve que João foi preso.

Ele se retira para a Galileia e ali inicia seu ministério, em cumprimento a Isaías 9:1-2, ou seja, 4:12-16. A história de Jesus em 3:1-4.16 centra-se no ministério de João. João prepara o caminho para Jesus, e seu batismo é a ocasião da vinda do Espírito com a aprovação do Pai ao seu Filho amado. Essa Filiação, afirmada pelo Pai no batismo de Jesus por João, é imediatamente posta à prova por Satanás.

Após esse teste, a prisão de João leva ao início do ministério de Jesus na Galileia. Com a apresentação do ministério de João, Mateus, pela primeira vez, estabelece um paralelo com Marcos, Lucas e também João 1:19-34. Parece melhor analisar o batismo de João em um contexto amplo de atividades semelhantes no judaísmo do Segundo Templo, em vez de tentar uma explicação baseada em apenas um dos possíveis contextos, como os Manuscritos do Mar Morto. O próprio Antigo Testamento frequentemente alude à purificação pela água como uma imagem de perdão, pureza espiritual e bênção escatológica.

Passagens como Salmo 51:6-9, Isaías 4:4 e 44:3, Jeremias 4:11-14, Ezequiel 36:24-27 e Zacarias 13:1. Mas há três contrastes importantes entre o batismo de João e esses possíveis contextos do Antigo Testamento. Primeiro, João insiste no arrependimento e no batismo para judeus, não para prosélitos gentios. Isso contrariaria a visão atual de que os problemas de Israel eram causados apenas por opressores gentios e que a missão do Messias era meramente libertar Israel da opressão política.

A descendência de Abraão não era garantia do favor de Deus, segundo João em 3:9. Em segundo lugar, o batismo de João foi um ato único de confissão, não um ritual repetido como no Antigo Testamento e na comunidade de Qumran. Em terceiro lugar, o ministério e o batismo de João foram direcionados à nação de Israel como um todo, não a uma comunidade monástica sectária como em Qumran. Portanto, Davies e Allison, em seu comentário, parecem estar corretos ao considerar o batismo de João como uma reaplicação criativa de motivos bíblicos e culturais.

Concluindo nossa discussão sobre Mateus 3, precisamos primeiramente dizer uma breve palavra sobre as relações sinóticas. Após seu material singular sobre a genealogia e a infância de Jesus nos dois primeiros capítulos, a narrativa de Mateus sobre o ministério de João e o batismo de Jesus no capítulo 3 é paralela aos outros Evangelhos em certa medida. Todos os três sinóticos citam Isaías 40.3 como referência ao ministério de João.

O relato de Marcos é breve, embora Marcos 1:2 faça alusão a Malaquias 3:1 e Isaías 40:3. O relato de Lucas é o mais longo, detalhando os governantes que estavam presentes quando João chegou em Lucas 3:1 e 2. E Lucas cita uma seção mais longa de Isaías 40 do que Mateus. E ele faz um breve resumo do diálogo entre João e sua audiência em 3:10 a 15. Lucas e Mateus falam do batismo de Jesus no Espírito e no fogo, enquanto Marcos menciona apenas o Espírito.

Comparado a Marcos e Lucas, o relato de Mateus apresenta duas características únicas e marcantes. Somente ele apresenta o diálogo entre Jesus e João, no qual João hesita e Jesus vincula a necessidade do seu batismo ao cumprimento de toda a justiça. Mateus 3:14 e 15.

Esta seção singular destaca temas mateanos característicos de realização e justiça. Outra característica singular de Mateus é seu relato do endosso do Pai ao Filho em 3:17. Aqui, Mateus expressa as palavras do Pai na terceira pessoa. Como frequentemente observado por intérpretes, isso tem o efeito de tornar o endosso mais público em Mateus, embora Mateus possa pretender que o endosso seja apenas para o benefício de João.

Embora esta forma de endosso a coloque em conformidade com as palavras do Pai na Transfiguração em Mateus 17:5, talvez a linguagem em terceira pessoa também tenha a intenção de confrontar o público de Mateus mais diretamente com a verdade da filiação de Jesus. Em seguida, uma palavra final sobre a função do capítulo 3 na narrativa de Mateus. Há dois propósitos principais atendidos pela história de João e pelo batismo de Jesus.

Este relato fornece a base para a transição entre João e Jesus e atesta a identidade única de Jesus como filho servo de Deus. João, como precursor, agora deixa de ser o centro das atenções para que os holofotes possam brilhar sobre Jesus. Embora João apareça novamente na história, não há dúvidas sobre sua subserviência a Jesus na história da redenção.

Jesus proclamará a mesma mensagem que João (compare 4:17 com 3:2) e, eventualmente, sofrerá um destino semelhante ao de João (veja 17:12). Mas o grande significado histórico redentor de João empalidece em comparação com o de Jesus. O ministério de João serve para iniciar a definição de Mateus sobre o verdadeiro povo de Deus e o dualismo de Mateus sobre aqueles que respondem correta e incorretamente à mensagem do governo de Deus. O verdadeiro povo de Deus não são meramente os descendentes de Abraão, mas aqueles que demonstram seu arrependimento por meio de mudanças em seus estilos de vida.

Aqueles que não demonstram arrependimento correm o risco de julgamento iminente. A perícope final sobre Mateus 3 e o batismo de Jesus tem profundas implicações cristológicas. Vários pontos devem ser mencionados.

Em 3:17, Jesus é descrito em termos que representam claramente o servo sofredor de Isaías, a quem Deus escolheu; veja especialmente Isaías 42:1. Relacionada a isso está a tipologia de filiação aplicada metaforicamente a Israel como nação em passagens do Antigo Testamento, como Êxodo 4:22 , Jeremias 3:19, 31:9 e Oséias 11:1. E também a tipologia de filiação aplicada a Davi como o rei ideal que serve a Deus, em 2 Samuel 7:5-16, Salmo 2:7, 89:3, etc., e no Salmo 89. O cumprimento das promessas da aliança do Antigo Testamento à nação e ao rei é encontrado em Jesus, que recapitula a história de Israel enquanto peregrina no Egito e atravessa as águas antes de ser testado no deserto. Além disso, é possível que a ênfase em Jesus como o filho amado do Pai tenha a intenção de relembrar o relacionamento de Isaque com Abraão em Gênesis 22:2. Mais prováveis são as conotações da criação encontradas no espírito semelhante a uma pomba que desce sobre Jesus de uma maneira que lembra Gênesis 1:2.

Assim, em Jesus, Deus iniciou nada menos do que a renovação de toda a criação; veja Mateus 19:28. Resta ao restante da narrativa de Mateus desenvolver a compreensão distintiva de Jesus e do novo povo de Deus que se iniciou aqui. Agora, passamos para Mateus, capítulo 4. Mateus 4 nos conduz do episódio preparatório final do ministério de Jesus, a tentação, ao início do ministério público na Galileia, em 4:12-25. O capítulo equivale a uma transição dos eventos preparatórios para o ministério público. A própria narrativa da provação, em 4:1-11, consiste em três tentações envoltas em uma introdução na qual Satanás chega em 4:1-2 e uma conclusão na qual Satanás parte em 4:11. Aqui, Jesus autentica o endosso batismal do Pai em sua vitória sobre a tripla prova de Satanás.

As coisas que lhe foram oferecidas por Satanás — sustento físico, proteção espetacular e autoridade para governar o mundo — já lhe pertenciam em virtude de sua condição única de filho amado do Pai. Mas sua provação recapitula a de Israel no deserto e se torna um exemplo positivo para seu povo. A narrativa da tentação de Mateus difere significativamente da de Marcos e Lucas.

Marcos apresenta apenas um breve resumo da tentação e não menciona três episódios específicos. Nem Marcos nem Lucas indicam que a orientação do Espírito foi para o propósito expresso da tentação de Jesus, como Mateus faz em 4:1. Lucas não menciona nenhum anjo. Lucas 4:1-13 concorda com Mateus ao descrever o jejum de Jesus em três episódios distintos de tentação, mas a ordem de Lucas difere.

Mateus e Lucas concordam em colocar a transformação de pedras em pães como o primeiro, mas divergem na ordem dos dois seguintes. Ao refletir sobre a tentação, creio que seria útil considerarmos Jesus e o Espírito, e Jesus como um modelo para os cristãos, bem como a tipologia aqui presente. Jesus e o Espírito.

Não é surpreendente ler em 4:1 que o Espírito guia Jesus, visto que o leitor já sabe que o Espírito é a agência por trás da concepção virginal de Jesus em 1:18-20 e sua capacitação para o ministério em 3:16-17, também em 12:18-28. A predição de João de que Jesus batizaria no Espírito em 3:16 antecipa sua exaltação após sua morte em Jerusalém. Veja 28:18-20. Mas é impressionante à primeira vista que Jesus seja conduzido pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo diabo. Mateus 4:1 indica claramente que, enquanto o Espírito é o agente que guiou Jesus, o diabo é o agente que tentou Jesus.

É uma tarefa bastante profunda compreender como o propósito benevolente de Deus converge com os desígnios malignos de Satanás nesta narrativa. O verbo usado aqui, que é a palavra grega peradzo, pode expressar tanto a nuance positiva de testar, que desenvolve o caráter e alcança aprovação, quanto a nuance negativa de tentar, que incita o mal e alcança a desaprovação. A nuance positiva ou negativa depende do motivo em cada contexto.

Talvez ambas as nuances estejam presentes aqui: o Pai testando Jesus para obter aprovação, enquanto Satanás misteriosamente tenta, no mesmo processo, obter a desaprovação de Jesus. Portanto, a convergência entre o plano benevolente de Deus e os esquemas malévolos de Satanás e dos pecadores é difícil de explicar completamente, mas é encontrada em muitos lugares nas Escrituras. Jesus, guiado pelo Espírito e referindo-se às Escrituras nessa tentação, é um modelo para os cristãos.

Satanás aparece em um papel que deveria ser familiar a qualquer um que leia e ame as Escrituras. Ao desafiar a filiação única de Jesus, tão recentemente anunciada pelo Pai que a aprova, é como se Satanás estivesse perguntando novamente: "Deus realmente disse?". Em Gênesis 3, versículo 1. Fica claro, a partir dos paralelos narrativos e das Escrituras citadas por Jesus, que sua tentação recapitula a de Israel no deserto. Mas, da perspectiva bíblica mais ampla, a tentação de Jesus recapitula a de Adão e Eva no jardim.

Por meio de Jesus, Deus está chamando à existência uma nova humanidade, Mateus 16:18, que será caracterizada pela obediência modelada por Jesus, não pela rebelião de seus primeiros pais. O que podemos aprender do exemplo do Filho amado? Quanto às vias de tentação, fica claro que Satanás tentou Jesus e continua a tentar o povo de Jesus na área do sustento diário. Mas, em vez de sucumbir à tentação de adquirir o pão por meios pecaminosos, os cristãos devem se lembrar da verdade bíblica de que a verdadeira vida vem de ouvir e obedecer à Palavra de Deus, Deuteronômio 8:3, e que o Deus da Palavra conhece todas as suas necessidades diárias, 6:11. Outra via de tentação pode ser o desejo por manifestações espetaculares do poder ou da proteção de Deus.

Mas os cristãos jamais devem se desviar desobedientemente do caminho que Deus revelou e pedir a Deus que os apanhe enquanto estão no ar. Isso equivale a um teste egoísta de Deus, Deuteronômio 6:16, e não a uma confiança serena em Seu amor e providência. Outra via de tentação é o desejo por glória e poder.

Satanás continua a promover formas idólatras de alcançar status, mas o cristão deve confiar em Deus para o progresso e buscar apenas a glória que é consistente com o caminho da cruz, Deuteronômio 6:13. Como Jesus resistiu à tentação? Sua citação espontânea de escrituras apropriadas quando sob tentação mostra que Ele estava consciente do fracasso passado do povo de Deus e ciente das razões para o seu fracasso. Em suma, Ele conhecia a Bíblia. Mas Ele também estava consciente da dotação e da liderança do Espírito, 3:16 ; 4:1-12, 18-21. Portanto, os cristãos de hoje devem igualmente resistir à tentação pelo conhecimento que vem das Escrituras e pela força que vem através do Espírito.

A obediência e a vitória diante da tentação advêm do conhecimento do que Deus ordena e da capacidade de cumpri-lo. Cristãos que estudam a Bíblia regularmente e humildemente dependem do Espírito para obter forças para obedecê-la podem resistir com sucesso ao diabo hoje. Agora, passamos para 4:12-25, o início do ministério na Galileia.

Na segunda parte deste capítulo, 4:12-25, o ministério de João termina, e Jesus se retira da Judeia para a Galileia a fim de iniciar Seu próprio ministério e o cumprimento das profecias do Antigo Testamento, 4:12-16. Compare Isaías 9:1 e 2. O tema de Sua pregação é o Reino dos Céus, mencionado em João 4:17, um ponto crucial, ligando a mensagem de Jesus à de Seu predecessor, João. Compare 3.2. Ele começa a chamar Seus discípulos principais, 4:18-22, e Sua mensagem é autenticada por obras poderosas, 4:23-25. Geograficamente, Jesus se move do deserto da Judeia em 4.1 para a Galileia em 4:12, onde vai primeiro a Nazaré, 4:13, e depois habita em Cafarnaum, onde chama Seus discípulos, 4:13-22. Então, Seu ministério se expande por toda a Galileia, onde é seguido por multidões de toda a terra, 4:23-25. Este ministério galileu, então, é o cenário para o Sermão da Montanha, e também apresenta temas importantes em todo este evangelho, como o Reino dos Céus, o cumprimento das Escrituras e a salvação dos gentios. Agora, a missão de Jesus.

Mateus 4:15-16 cita Isaías 9:1 e 2, que ocorre no contexto de uma promessa em meio ao julgamento. A ênfase de Isaías 9:6 e 7 em um filho que governará o reino de Davi se encaixa perfeitamente com o tema mitraico de que Jesus é filho de Davi. Mas a menção em Isaías 9:1 e 2 da região desprezada da Galileia e sua associação com os gentios desprezados repete a ideia de que o próprio Deus resiste aos orgulhosos e acolhe os pecadores mais improváveis em comunhão com Ele.

Mateus enfatiza repetidamente a missão aos gentios, seja por meio de detalhes implícitos como 1:3, 5, 6; 2:1, 5:47, 6:32, 15:28, 22:9, seja pelos ensinamentos explícitos de Jesus em passagens como 8:10-12 e 21-43. O ministério galileu de Jesus prepara o leitor para a Sua comissão galileana de que Seus discípulos deveriam discipular todas as nações. Também fica claro em 4:12-25 que o ministério de Jesus era, para usar um termo contemporâneo popular, holístico.

Ele atendia às necessidades físicas das pessoas, bem como às suas necessidades espirituais, sendo que as primeiras, por vezes, evidentemente precediam as últimas. Embora exigisse arrependimento, não fez do arrependimento o pré-requisito para a cura. Jesus tem compaixão das multidões necessitadas e age para ajudá-las, evidentemente em muitos casos antes mesmo de O ouvirem pregar.

Ao narrar o ministério gracioso de Jesus, Mateus certamente o pretende como um modelo para o ministério dos discípulos. Eles também devem pregar o reino, 4:17 10:6, mas também devem realizar obras de compaixão que demonstrem o poder de Deus e Sua graça, 4:24 10:1. A missão de Jesus também é derrotar o diabo. Assim que Ele sai vitorioso de Sua provação, Ele é apresentado no início de Seu ministério como alguém que cura não apenas doenças físicas, mas também a opressão demoníaca.

O poder de Jesus sobre as forças das trevas fica ainda mais claro após o Sermão da Montanha, quando Mateus narra o ministério de Jesus na Galileia. Leia sobre isso nos capítulos 8, 9, 12, 15 e 17. Um incidente em particular, 8:29, mostra que os demônios reconhecem intuitivamente a identidade messiânica de Jesus e Sua autoridade escatológica suprema sobre eles.

Concluímos a gravação com uma discussão sobre o chamado ao discipulado. Mateus 4:12-25 nos narra a missão holística do reino por meio das palavras graciosas e dos atos poderosos de Jesus. Também nos narra a resposta obediente dos primeiros discípulos de Jesus, que imediatamente deixaram a família e o sustento para segui-Lo.

Mas o propósito de Mateus vai além de fornecer uma narrativa de eventos passados. Mateus deseja que entendamos o ministério de Jesus como um modelo para os nossos próprios ministérios e que vejamos a obediência dos primeiros discípulos como exemplos que nos desafiam a uma obediência semelhante. A resposta imediata, inquestionável e sacrificial dos primeiros discípulos ao chamado absoluto e autoritário de Jesus ao discipulado é um modelo para hoje.

O discipulado ainda é uma responsabilidade dos cristãos, independentemente de serem ou não chamados para o que chamamos de ministério vocacional. A obediência inquestionável de Pedro e André, Tiago e João condena qualquer demora ou ambivalência em responder a Jesus. Essa obediência dos primeiros discípulos de Jesus é contrastada mais adiante na narrativa com as desculpas dos aspirantes a discípulos no capítulo 8. Mesmo os verdadeiros discípulos que responderam ao chamado precisam ter sua fé fortalecida.

A tarefa deles é assustadora, mas a recompensa é um ótimo 19:27 a 30.